

O discurso da igreja às mulheres e sobre elas: De *mulieris dignitatem* de João Paulo II aos pronunciamentos de Francisco

Maria Nivaneide de Abreu Lima*

RESUMO: A carta apostólica *Mulieris Dignitatem* consiste em uma meditação sobre o mistério do ser humano manifestado no Verbo Encarnado, a fim de descobrir o lugar especial da mulher que foi a mãe de Jesus e entender o que a mensagem do Evangelho tem a dizer à Igreja e à humanidade, sobre a dignidade e a vocação da mulher. Nossa proposta é, portanto, uma aproximação ao discurso da Igreja sobre a mulher, sobretudo a partir da Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, de João Paulo II, e de alguns pronunciamentos do Papa Francisco, desde a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* à Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*. O desenrolar do discurso da Igreja sobre a mulher tentou acompanhar a luta das mulheres na esfera mundial pela conquista de seus direitos, processo que desembocou em uma reviravolta na sociedade. Na Igreja, no entanto, apesar dos esforços e das iniciativas de diálogo e abertura, ainda está longe de se efetivar a “acolhida” do dom da mulher como dimensão reveladora de Deus a ponto de que tal compreensão ilumine a consciência e o comportamento dos que estão fora dela.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres na Igreja. *Mulieris Dignitatem*. Papa Francisco.

* Graduanda em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. E-mail: nivaneideabreu@hotmail.com.

Introdução

Neste trabalho pretendemos uma aproximação do discurso da Igreja sobre a mulher, sobretudo a partir da Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* (MD), de João Paulo II, de 1988, e de algumas palavras do Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, de 2013, no Discurso aos participantes do seminário sobre a *Mulieris Dignitatem*, no Diálogo com as superiores gerais dos Institutos de Vida Consagrada e no decreto recente sobre a elevação da memória de Santa Maria Madalena à condição de Festa – que não traz propriamente as palavras do Papa, mas resulta da sua inspiração e iniciativa, e finalmente, de algumas luzes lançadas pela Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (AL), de 2016.

Após o percurso histórico, apresentaremos nossas considerações finais – visto que durante a abordagem dos documentos destacamos o que nos parece mais significativo e comentamos um ou outro aspecto – a partir do impacto desses textos na vida pastoral da Igreja, no que se refere aos assuntos relacionados às mulheres.

1. *Mulieris Dignitatem*, de João Paulo II

A carta apostólica *Mulieris Dignitatem*, de João Paulo II, consiste em uma *meditação*¹ sobre o mistério do ser humano manifestado no Verbo Encarnado, a fim de descobrir o lugar especial da mulher que foi a mãe de Jesus, e entender o que a mensagem do Evangelho tem a dizer, à Igreja e à humanidade, sobre a dignidade e a vocação da mulher (cf. MD 2).

Enquanto carta apostólica, *Mulieris Dignitatem* não pretende esgotar o conteúdo sobre o qual pretende refletir, mas abrir um diálogo, ou continuá-lo, visto que tem como precedentes iniciativas como a *Mensagem do Concílio às mulheres*, de 1965, da qual a introdução traz uma belíssima citação (cf. MD 1); o reconhecimento de Santa Teresa de Jesus e Santa Catarina de Sena como doutoras da Igreja, por Paulo VI, em 1970; a instituição da Comissão especial para estudo de problemas contemporâneos relacionados à promoção efetiva da dignidade e da responsabilidade das mulheres, após o Sínodo de 1971. No entanto, este é o primeiro documento da Igreja sobre o assunto.

O documento está dividido em nove seções, se levarmos em conta a introdução e a conclusão. Aqui, pretendemos uma aproximação de cada capítulo, a fim de compreender melhor os temas abordados, a partir do que podemos entrever da intenção, e compreender da reflexão desenvolvida e da apresentação.

¹ O caráter meditativo é ressaltado por Bingemer e pelo grupo de teólogas católicas brasileiras na sua reflexão e resposta à Carta Apostólica. Cf. BINGEMER, Maria Clara (org.) *O lugar da mulher: interpretação feminina da "Mulieris dignitatem"*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 10.

O capítulo introdutório, que traz como título “Um sinal dos tempos”, reflete, de certa forma, uma problemática que não se restringe ao contexto eclesial. No entanto, faz questão de lembrar a especial dignidade que o cristianismo confere a mulher desde as origens: “a mulher é destinada a fazer parte da estrutura viva e operante do cristianismo de modo tão relevante que, talvez, ainda não tenham sido enucleadas todas as suas virtualidades” (PAULO VI, 1965, *apud.* JOÃO PAULO II, 2000, p. 7).

O segundo capítulo, “Mulher – Mãe de Deus”, que começa com uma referência a Gl 4,4: “na plenitude dos tempos, enviou Deus seu Filho, nascido de uma mulher”, pretende mostrar que a mulher encontra-se no “coração do evento salvífico”, uma vez que a auto-revelação de Deus lança seus fundamentos na anunciação de Nazaré (cf. Lc 1,26-38). O relato da Anunciação evidencia a relação entre a revelação trinitária de Deus e a mulher. Acontece em forma dialógica, o que revela seu caráter relacional, supõe reconhecimento e liberdade (MD, n.3). A evocação do título *Theotokos*, formulação de Éfeso (431) para assegurar a fé cristológica, reflete também a realização da vocação de todos os homens à união singular com Deus (MD, n.4). Assim, em Maria, temos a expressão mais acabada da dignidade e vocação humana à união com Deus, fora da qual ninguém pode realizar-se (cf. MD 5).

O terceiro capítulo, sobre a “Imagem e Semelhança de Deus”, visa a redescoberta do ser humano como criação de Deus, sua imagem e semelhança, que “constitui a base imutável de toda a antropologia cristã (cf. MD 6). O ponto de partida é a leitura de Gn 1,27, que ressalta a igualdade entre homem e mulher, ambos criados à imagem de Deus, com a missão de transmitir essa imagem a seus descendentes e de “dominar”² a terra (cf. Gn 1,28). A segunda descrição da criação (Gn 2,18-25), mais metafórica, deve ser lida à luz da primeira, também enfatiza essa igualdade, visto que a mulher é um *outro eu*, diante do homem, ambos formam uma só carne (cf. Gn 2,24), uma relação de reciprocidade, um existir em relação, “que preludia a definitiva auto-revelação de Deus uno e trino” (MD 7).

O quarto capítulo tem como título “Eva – Maria”, não para comparar as duas figuras bíblicas, mas para caracterizar o primeiro pecado como pecado da humanidade. A preocupação do papa é corrigir a difamação-discriminação sofrida pela mulher durante séculos, considerada a segunda na ordem da criação e a primeira na ordem da sedução (cf. BINGEMER, 1990, p.21).

O quinto capítulo, intitulado “Jesus Cristo”, enfatiza a missão redentora de Jesus, que se dá na sua relação com os homens e as mulheres de seu tempo, a partir dos inúmeros “encontros” relatados nos evangelhos (cf. MD 12). Seu relacionamento com as mulheres, simples, transparente e profundo, despertava admiração, até mesmo entre seus discípulos (Jo 4,27), e estranheza (Lc 7,39). Nada no ensinamento ou comportamento de Jesus denota discriminação com relação às mulheres. É fundamental, aqui, a menção ao texto

² “Dominar” aqui, vale lembrar, deve ser entendido *grosso modo* como “cuidar”.

de Lc 8,1-4, que mostra inúmeras mulheres participando do grupo de Jesus, seguindo-o e servindo-o, atitudes próprias do discipulado. A Encíclica, nesse capítulo, salienta a importância de Maria Madalena, referindo-se a ela como Apóstola dos apóstolos, testemunha da ressurreição, o que deixa entrever que, na Igreja Primitiva permanece o caráter igualitário inaugurado pela prática de Jesus.

A reflexão apresentada no capítulo sexto é sobre a “Maternidade e Virgindade”, duas dimensões da vocação da mulher coexistentes em Maria, ambas realizam tanto a dignidade como a vocação da mulher. Vale mencionar aqui que João Paulo II explicitará, no capítulo seguinte, seu reconhecimento ao empenho de mulheres que, tanto nas comunidades de vida consagrada, como nas famílias, se engajam em favor dos mais necessitados: os pobres, os deficientes, abandonados, órfãos, idosos, crianças, jovens, encarcerados e marginalizados (cf. MD 27).

O capítulo sétimo, “Igreja, Esposa de Cristo”, baseia-se em Ef 5,21ss, que apresenta uma analogia entre o amor sponsal e o amor de Cristo pela Igreja. Nesse sentido, o Papa, através de sua *meditação*, pretende sensibilizar e corrigir consciência e comportamentos machistas que prevalecem ainda hoje em muitas relações. Assim, “todas as razões a favor da submissão da mulher ao homem no matrimônio devem ser interpretadas no sentido de uma submissão recíproca” (cf. MD 24), entrega mútua. O amor de Cristo é amor de Esposo, paradigma e exemplo de todo amor humano, sobretudo dos varões (cf. MD, n. 25). João Paulo II conclui este capítulo referindo-se às mulheres santas como personificação do ideal feminino e modelo para todos os cristãos, uma vez que suas vidas ensinam com que amor a Esposa deve responder ao amor do Esposo (cf. MD 27).

O oitavo capítulo, cujo título é “Maior é a caridade”, insere a dignidade e a vocação da mulher na ordem do amor, “exigência ontológica e ética da pessoa”. Assim, a dignidade da mulher está ligada ao amor que ela recebe pelo próprio fato da feminilidade e, conseqüentemente, pelo amor que ela doa. Nisso, encontra-se também sua vocação universal, que se realizará nas múltiplas vocações na Igreja e no mundo. À mulher, Deus confiou, de modo especial, o humano. E ela será mais forte quanto maior for sua consciência dessa missão (cf. MD 27-28).

O capítulo que conclui a *meditação*, parte das palavras de Jesus à mulher samaritana: “*Se conhecesses o dom de Deus*” (Jo 4,10), como um convite às mulheres do nosso tempo a esforçar-se por descobrir o próprio mistério e a missão a nós confiada como dom de Deus. O Papa rende graças à Trindade pelo mistério da mulher; em nome da Igreja, rende graças “por todas e por cada uma das mulheres”; agradece todas as manifestações femininas surgidas ao longo da história, todos os carismas e frutos de santidade feminina; e reza para que as mulheres encontrem, no mistério da Palavra de Deus, o próprio mistério e a própria vocação.

2. Os pronunciamentos de Francisco

2.1 *Evangelii Gaudium*

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, consiste em uma reflexão sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Nesse sentido, porque pensa a ação evangelizadora da Igreja, o Papa parte de uma leitura dos sinais dos tempos (FRANCISCO, 2013, p. 46). E é nesse contexto, especificamente no segundo capítulo, no qual descreve as tentações dos agentes pastorais e alguns desafios eclesiais que toca no assunto da situação da mulher.

Francisco reconhece a contribuição da mulher na Igreja e na sociedade, evidenciando as características que são peculiares ao gênio feminino, como a sensibilidade, a intuição, a solicitude pelos outros; reconhece o trabalho de inúmeras mulheres que assumem responsabilidades pastorais, tanto no acompanhamento de pessoas como na reflexão teológica. E acrescenta: “é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja” (EG 103).

O parágrafo que segue essa afirmação alude à reivindicação dos “legítimos direitos das mulheres”, que se fundamentam na convicção de que homens e mulheres compartilham a mesma dignidade. Aqui, o Papa menciona o sacerdócio ministerial reservado aos homens; sugere que tal realidade exige uma resposta profunda, já que não se trata de uma questão superficial; lembra que o que está em jogo aqui é a função, não a dignidade e a santidade, e que, por isso, não justifica a superioridade de uns sobre os outros; e desafia os Pastores e teólogos a pensar o acesso das mulheres aos lugares “onde se tomam importantes decisões nos diferentes âmbitos da Igreja” (EG 104).

O tema da mulher reaparecerá no quarto capítulo, sobre a dimensão social da evangelização, no tópico sobre a opção preferencial pelos pobres, no qual exorta a cuidar dos mais frágeis. Entre esses pobres, o Papa destaca as mulheres que vivem situações de exclusão, maus-tratos e violência, visto que têm menores possibilidades de defender seus direitos (EG 212); e expressa profunda admiração por todas que, ainda que vivam uma situação de exclusão, são capazes de demonstrações de heroísmo em atitudes de cuidado e defesa de suas famílias.

Sobre o tema do aborto, ainda nessa seção do documento, o Papa reconhece que, como Igreja, “ainda temos feito pouco para acompanhar e ajudar as mulheres” que vivem em situações de profundo sofrimento, extrema pobreza e violência, nas quais o aborto surge como solução para suas angústias (cf. EG 214).

Além de se referir, em toda a Exortação aos “homens e mulheres”, o que evidencia seu cuidado em sublinhar essa presença da mulher na vida e na ação da Igreja, o Papa, na conclusão do documento, ao falar de Maria, apresenta-a como o dom de Jesus ao povo, como modelo de mulher de fé (cf. EG 287) e mulher orante e trabalhadora (cf. EG 288).

Enfatiza que a ação evangelizadora da Igreja é marcada por Maria, que nos faz “acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto” (cf. EG 288).

2.2 Discurso do Papa Francisco aos participantes do Seminário sobre a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* de João Paulo II

No dia 12 de outubro de 2013, por ocasião do vigésimo quinto aniversário do *Mulieris Dignitatem*, num seminário sobre o documento, o Papa Francisco, rompendo o protocolo, fez um discurso aos participantes do congresso³, agradecendo a iniciativa, encorajando-os e afirmando que se une ao propósito do grupo, para que a mulher seja valorizada em maior medida.

No discurso, o Papa ressalta o tema da “entrega especial” da humanidade à mulher, e, assim, a dignidade da maternidade, dado irredutível apesar das mudanças ocorridas na sociedade nos últimos tempos. E aponta dois riscos diante desse dado: o risco da maternidade ser reduzida a um papel social, uma tarefa, pondo de lado as potencialidades da mulher; e o risco de, em nome de sua emancipação, a mulher renunciar sua feminilidade, abrindo mão de sua sensibilidade peculiar, que ajuda a compreender a ternura, a misericórdia e o amor de Deus.

Vale destacar aqui o fato de a Igreja comemorar os aniversários dos seus documentos, o que pode ser lido como sinal profético, uma alerta de que os desafios que motivaram sua produção e publicação ainda permanecem.

2.3 Diálogo do Papa Francisco com as Superiores Gerais dos Institutos de Vida Consagrada

No encontro do Papa Francisco com as superiores gerais dos institutos de vida consagrada, no dia 12 de maio de 2016, o Sumo Pontífice foi questionado a respeito da inserção das mulheres em todas as expressões da vida da Igreja e da sociedade. Uma vez que as mulheres, segundo as religiosas, são excluídas de processos decisórios na Igreja, sobretudo nos mais altos níveis como a pregação e a Eucaristia. Nesse sentido, questionam se há alguma possibilidade de separar liderança e pregação na Eucaristia do ministério ordenado.

O Papa, diante disso, reconheceu que a inserção das mulheres nos processos decisórios é bastante frágil, no entanto, não vê problemas em realizá-lo, como também não vê problemas em inseri-las em cargos que não exijam um ministro ordenado.

Para mim é muito importante a elaboração das decisões: não só a execução, mas também a elaboração, ou seja, que as mulheres, tanto consagradas como leigas, entrem na reflexão do processo e no debate. Porque a mulher encara a vida com um olhar próprio e nós homens não

³Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papafrancesco_20131012_seminario-xxv-mulieris-dignitatem.html

podemos vê-la assim. É o modo de ver um problema, de considerar qualquer outra coisa, que a mulher vê de maneira diferente do homem. Devem ser complementares, e nas consultas é importante que haja mulheres. (Papa Francisco, 2016, p.2)

O Pontífice afirma ainda que está à procura de soluções para inseri-las na liderança da Igreja, mas que se deve “ir em frente”. Contudo, deve-se precaver de duas tentações: o feminismo, que reduziria a importância da mulher, e que anularia sua dignidade batismal que concede dons e carismas para serem colocados a serviço da comunidade; e o clericalismo, que impede a sinodalidade paroquial. Nesse sentido, faz-se necessário que religiosos e leigos conheçam e “levem a sério” sua identidade e missão no contexto paroquial e diocesano.

O diálogo segue com temas sobre a vida religiosa; sobre a possibilidade da ordenação de diaconisas, seguindo a tradição da Igreja primitiva, ao que Francisco responde comprometendo-se a criar uma comissão de investigação sobre o fenômeno; além disso, aborda questões financeiras; questões relativas a legislação eclesiástica que regula a estruturação da vida consagrada; sobre a identidade e relevância da União Internacional das Superiores-Gerais, entre outras.

2.4 Festa de Santa Maria Madalena

A pedido do Papa Francisco, a Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, no dia 3 de junho de 2016, elevou a memória de Santa Maria Madalena à festa. Essa iniciativa, segundo o Cardeal Roche, secretário da Congregação, “inscreve-se no atual contexto eclesial, que pede uma reflexão maior e mais profunda sobre a dignidade da mulher, a nova evangelização e a grandeza do mistério da misericórdia divina”⁴. Uma vez que Maria Madalena é exemplo de evangelizadora e alguém profundamente tocada pela misericórdia de Deus.

2.5 *Amoris Laetitia*

Da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, de 19 de março de 2016, que trata do amor na família, destacamos, entres tantos pontos e assuntos que poderiam ser abordados, três temas: a violência contra a mulher, o dom da maternidade e a presença feminina na formação dos presbíteros.

No segundo capítulo da Exortação AL, quando aborda os desafios da família na realidade contemporânea, menciona a violência sofrida pelas mulheres, seja de cunho verbal, física ou sexual que ainda marca muitas famílias. Francisco salienta que apesar das notáveis melhorias, há ainda muito a avançar quando o assunto é o reconhecimento dos direitos da mulher e de sua participação no espaço público (cf. AL 54).

⁴Cf.: http://br.radiovaticana.va/news/2016/06/10/papa_eleva_%C3%A0_festa_dia_da_mem%C3%B3ria_de_santa_maria_madalena/1236224.

Na seção sobre a fecundidade do amor, o Papa retoma um tema recorrente em seus pronunciamentos sobre o feminino, o dom da maternidade, que, mais do que uma função, é característica intrínseca da mulher. Assim, tal dom deve ser defendido, protegido e assegurado, visto que o enfraquecimento da presença materna, com suas qualidades femininas, na vida dos filhos é um risco grave para a nossa terra (AL 173).

E finalmente, nas perspectivas pastorais, ao referir-se à formação de futuros presbíteros destaca que “a presença dos leigos e das famílias, particularmente a presença feminina, na formação sacerdotal, favorece o apreço pela variedade e complementaridade das diferentes vocações da Igreja” (AL 203).

Conclusão

Após esse longo percurso histórico, iniciado pela *Mensagem do Concílio às mulheres*, passando pela Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, e alcançando os tempos de Francisco, que retoma, em muitos sentidos, o espírito do Vaticano II, pudemos acompanhar o desenrolar do discurso da Igreja sobre a mulher.

Tal reflexão tentou acompanhar e responder à luta das mulheres, na esfera mundial, pela conquista de seus direitos, pelo reconhecimento e aceitação no mercado de trabalho, pelo direito de eleger seus governantes e de serem elas mesmas candidatas a cargos públicos. Sabemos que todo esse processo desembocou em uma reviravolta na sociedade a cada passo, a cada conquista, basta olhar a organização familiar em nossos tempos, tão diferente da época das avós!

Sabemos que essa luta não chegou ao fim e que, apesar de muitos avanços, ainda há um longo caminho a ser percorrido. Isso é perceptível quando olhamos o cenário político recente de nosso país; quando assistimos em nossos noticiários os recorrentes casos de violência contra a mulher; quando participando de *shows* de humor ou em rodas de amigos constatamos que piadas machistas ainda divertem os expectadores; quando se faz necessária em nosso país uma lei que pune agressores domésticos; quando há quem afirme abertamente, em meios de comunicação de massa, que mulheres que foram violentadas sexualmente eram as verdadeiras culpadas da violência que sofreram.

Sabemos que essa luta não foi e não tem sido tranquila, e que tem repercutido e impactado também a vida eclesial, uma vez que as mulheres da Igreja, maioria entre os fiéis são consideradas, em muitos casos, como cristãos de segunda categoria. Nesse sentido, recorreremos às palavras do Papa Francisco:

“Também na Igreja é importante perguntar-se: qual é a presença da mulher? Sofro — digo a verdade — quando vejo na Igreja ou em determinadas organizações eclesiais que o papel de serviço — que todos nós temos e devemos ter — da mulher diminui para uma função

de *servidumbre*. Não sei se se diz assim em italiano. Compreendeis-me? Servidão.”⁵

Também as mulheres pedem da Igreja respostas às suas questões: qual é a presença da mulher na Igreja? Qual é a relevância e o valor de sua vocação e apostolado? Qual seu espaço quando assunto são as decisões acerca dos rumos da comunidade eclesial?

Assim, desde o Vaticano II, esse assunto está presente na reflexão da Igreja. Nossos líderes, através de palavras, como o *Mulieris Dignitatem*, primeiro documento da Igreja sobre o assunto, e outros pronunciamentos, ou gestos, como o reconhecimento de Teresa de Jesus e Catarina de Sena como Doutoradas da Igreja, a elevação da Memória de Santa Maria Madalena à condição de Festa, têm ressaltado o valor da mulher na Igreja.

Além das lutas pela emancipação feminina dos últimos séculos, o Vaticano II propôs um retorno às fontes. No confronto com a atitude de Jesus no tocante às mulheres de seu tempo, sem discriminação, admitindo-as entre os seus seguidores (Lc 8,1-4)), tornando-as testemunhas de sua ressurreição, como no caso de Maria Madalena, uma mulher que sozinha foi capaz de testemunhar uma mensagem, quando a Lei do povo de Jesus previa que apenas o testemunho de dois varões sobre algo poderia ser válido (cf. 1Rs 21,10⁶), a Igreja pode questionar-se sobre o lugar da mulher.

É inegável – e nossos Pastores enfatizam isso – a participação da mulher na ação evangelizadora da Igreja, nas obras missionárias, na promoção humana. É inegável que, em toda a vida da Igreja, as mulheres não ensurdeceram diante do chamado ao seguimento de Cristo e do envio missionário. É inegável a contribuição das mulheres na reflexão teológica, dimensão ainda pequena, mas que tem crescido nos últimos tempos. No entanto, na Igreja ainda está longe de se efetivar a “acolhida” do dom da mulher como dimensão reveladora de Deus a ponto de que essa consciência ilumine o comportamento dos que estão fora dela.

Nosso argumento aqui é análogo ao do Papa Francisco sobre o cuidado com a casa comum⁷. Se enquanto seres humanos, todos têm a tarefa de afirmar e defender a dignidade da mulher, por causa da dignidade humana, essa responsabilidade pesa duas vezes sobre o cristão: por ser pessoa e porque se compreende – e compreende o dom da mulher – como parte fundamental do plano criador e salvífico de Deus.

Nesse sentido, ao que nos parece, apesar das várias iniciativas e de alguns avanços, convém recorrer a ainda atual afirmação de Paulo VI citada anteriormente: “a mulher é

⁵ Discurso do Papa Francisco aos participantes do seminário sobre a carta apostólica *Mulieris Dignitatem*. Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papafrancesco_20131012_seminario-xxv-mulieris-dignitatem.html

⁶ Cf. *BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 503. Ver também nota explicativa correspondente ao versículo citado acima.

⁷ *Carta Encíclica Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 100.

destinada a fazer parte da estrutura viva e operante do cristianismo de modo tão relevante que, talvez, ainda não tenham sido enucleadas todas as suas virtualidades”.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara (org.) *O lugar da mulher: interpretação feminina da "Mulieris dignitatem"*. São Paulo: Loyola, 1990.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *Diálogo Do Papa Francisco com as Participantes na Plenária da União Internacional das Superiores Gerais*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papafrancesco_20160512_uisg.html. Acesso em dia 06 mai, 2017.

_____. Discurso aos participantes do seminário sobre a carta apostólica *Mulieris Dignitatem*. Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papafrancesco_20131012_seminario-xxv-mulieris-dignitatem.html. Acesso em dia 07 mai, 2017.

_____. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia* do Sumo Pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas, aos esposos cristãos e a todos os fiéis leigos sobre o amor na família. São Paulo: Loyola, 2017.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta apostólica *Mulieris Dignitatem* do Sumo Pontífice Joao Paulo II sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.